



Expressões da Violência Associada ao Corpo Gordo: Uma Revisão Bibliográfica Qualitativa

Expressions of Violence Associated with the Fat Body:

A Qualitative Literature Review

Expresiones de Violência Asociadas al Cuerpo Graso:

Una Revisión Bibliográfica Cualitativa

Camila Aloisio Alves

Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP), Petrópolis, RJ, Brasil

Alexandre Anselmo Guilherme

Lara Vedovatto Batista dos Santos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

Buscando entender quais são as contribuições dos estudos em ciências humanas e sociais sobre violência associada à obesidade/sobrepeso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo nas bases de dados Scielo, PubMed, Lilacs, PepSic durante os meses de dezembro de 2020 a janeiro de 2021, seguida de uma análise temática. Como resultados, tem-se a identificação de seis temas – trabalho, educação, saúde, social, corpo e mídia – que possuem núcleos de sentido que permitem compreender o fenômeno de estudo. Conclui-se que a violência associada a obesidade sofre uma forte influência dos padrões estéticos hegemonicamente aceitos, encontrando no discurso médico e de saúde pública argumentos para que pessoas obesas ou com excesso de peso sintam-se marginalizadas e culpabilizadas por suas condições. Entre crianças e jovens, o bullying foi identificado como uma marca nas suas trajetórias de vida, que engendra uma relação intra e interpessoal atravessada por sentimentos de raiva e medo. Entre adultos, a violência produz impactos nas esferas profissionais, familiares e sociais.

Palavras-chave: Gordofobia; Violência; Obesidade; Sobrepeso; Revisão bibliográfica qualitativa.

Abstract

Seeking to understand the contributions of studies in the humanities and social sciences on violence associated with obesity/overweight, a qualitative bibliographic research was conducted in the Scielo, PubMed, Lilacs, and PepSic databases between December 2020 and January 2021, followed by a thematic analysis. As a result, six themes were identified - work, education, health, social, body, and media - which have nuclei of meaning that allow us to understand the phenomenon under study. The conclusion is that the violence associated with obesity is strongly influenced by hegemonically accepted aesthetic standards, finding in the medical and public health discourse arguments so that obese or overweight people feel

marginalized and blamed for their conditions. Among children and young people, bullying was identified as a mark in their life trajectories, which engenders an intra and interpersonal relationship crossed by feelings of anger and fear. Among adults, violence produces impacts in the professional, family, and social spheres.

Keywords: Fatphobia; Violence; Obesity; Overweight; Qualitative bibliographic review.

Resumen

Buscando conocer las contribuciones de los estudios en ciencias humanas y sociales sobre la violencia asociada a la obesidad/sobrepeso, se realizó una investigación bibliográfica cualitativa en las bases de datos Scielo, PubMed, Lilacs y PepSic durante los meses de diciembre de 2020 a enero de 2021, seguida de un análisis temático. Como resultado, se identificaron seis temas -trabajo, educación, salud, social, cuerpo y medios de comunicación- que tienen núcleos de significado que permiten comprender el fenómeno estudiado. Se concluye que la violencia asociada a la obesidad está fuertemente influenciada por los estándares estéticos hegemónicamente aceptados, encontrando en el discurso médico y de salud pública argumentos para que las personas obesas o con sobrepeso se sientan marginadas y culpabilizadas por sus condiciones. Entre los niños y jóvenes, el acoso se identificó como una marca en sus trayectorias vitales, que engendra una relación intra e interpersonal atravesada por sentimientos de ira y miedo. Entre los adultos, la violencia tiene repercusiones en las esferas profesional, familiar y social.

Palabras clave: Gordofobia; Violencia; Obesidad; Sobrepeso; Revisión cualitativa de la literatura.

Introdução

A gordofobia ou a violência associada ao corpo gordo é uma temática de estudo recente na comunidade acadêmica (Jimenez, 2020). O discurso biomédico, que patologiza o corpo gordo, ainda é hegemônico nas pautas da saúde pública no país e no mundo, sendo responsável por erigir um olhar comparativo, avaliativo e alarmista. Os dados veiculados por grandes instituições de saúde dão especial ênfase ao combate à

obesidade, ao sobrepeso, reduzindo o corpo gordo a um mal a ser extirpado da sociedade (Jimenez, 2020). É possível observar os sinais desse discurso nas expressões empregadas, por exemplo, no relatório elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) que apresenta o panorama da segurança alimentar e nutricional na América Latina e no Caribe, no ano de 2019. Tal estudo aponta que para cada pessoa que sofre de fome na América Latina e no Caribe, mais de seis

estão classificadas "acima do peso" ou "obesas". A prevalência da categoria "excesso de peso" em adultos é apresentada como dado que, segundo as análises, evoluiu entre os anos de 1975 a 2015, superior aos dados de outras regiões do mundo, especialmente entre adultos e crianças em idade escolar. No cenário atual, alerta o relatório, quase um quarto da população adulta da região é classificada como "obesa", enquanto a prevalência da categoria "excesso de peso" em crianças menores de 5 anos já atingiu 7,5%, acima da taxa global de 5,9% (FAO, 2019).

Já no cenário brasileiro, a pesquisa Vigitel realizada pelo Ministério da Saúde em 2019 mostra que nas capitais do país, a frequência da categoria "excesso de peso" foi de 55,4%, como uma pequena diferença entre homens (57,1%) e mulheres (53,9%). O aumento do "excesso de peso" entre homens foi mais expressivo entre aqueles com a idade até os 44 anos e pertencentes aos estratos extremos de escolaridade. Já entre as mulheres, a frequência da categoria "excesso de peso" aumentou com a idade até os 64 anos, mas diminuiu de forma expressiva com o aumento da escolaridade. Já em relação à categoria "obesidade", a prevalência global entre adultos foi de 20,3% e distribuiu-se de

forma equilibrada entre homens e mulheres (Brasil, 2019).

Considerando a supervalorização do discurso biomédico, a transformação dos termos "obesidade" e "excesso de peso" em dados epidemiológicos e o olhar restritivo para as repercussões na saúde e comorbidades associadas, o corpo gordo transformou-se em problemas de saúde pública e vêm sendo alvo de constantes ações de prevenção, promoção e de medicalização. Em 2008 o então Ministro da Saúde José Gomes Temporão instituiu o Dia Nacional de Prevenção da Obesidade (Brasil, 2008), com o objetivo de conscientizar a população sobre a importância das ações de prevenção contra a, então, doença. O revés da moeda do discurso de prevenção e promoção da saúde está na associação entre o corpo magro como símbolo de saúde e autocuidado e o corpo gordo como sinônimo de inadequação e desvio da norma. O olhar que se destina ao corpo gordo está, portanto, atravessado de forma marcante pela ideia de combate e de luta contra um símbolo alçado ao patamar de fator de risco e associado à diminuição da qualidade de vida. Tem-se então a definição de um inimigo - o corpo gordo - diante do qual uma batalha deve ser travada.

A hegemonia deste tipo de discurso obscurece a violência que os padrões tidos como normais ou aceitáveis imputam sobre as pessoas gordas, tornando silenciosos os efeitos sobre as relações intra e interpessoais em uma sociedade marcada pelo culto à magreza. O ideal da magreza passa a ser um fator importante que se interpõe entre o sujeito e seu corpo, criando um referencial a ser perseguido, mesmo que no curso dessa trajetória, a batalha contra o corpo gordo a saúde mental repercute negativamente na saúde física e mental (Arruda, 2019; Jimenez, 2020).

Tal como mostra o ensaio de Berger (2007), a veiculação e a construção de estereótipos corporais via mídia impressa e digital afeta a percepção corporal e a autoestima. Em seu estudo (Berger, 2007), o foco nas mulheres revelou o peso que estas sofrem diante do culto ao corpo magro reiterado cotidianamente nas mídias, o que vai ao encontro do estudo de Lira et. al. (2017) que, mesmo realizado 10 anos após, conclui que a mídia e o uso de redes sociais por meninas adolescentes produzem um impacto significativo na imagem que as mesmas fazem de seus corpos. Segundo os autores, a frequência de acesso maior do que 10 vezes ao dia ao

Facebook e Instagram aumenta a chance de insatisfação corporal em 6,57 e 4,47 vezes, respectivamente, quando comparadas com as meninas que acessam mensalmente (Lira et. al., 2017, p. 167). Nessa senda é importante citar Contreras (2020, p. 175-176) que nos traz importantes questionamentos sobre a patologização de corpos gordos e o impacto que isso pode ter na psique e vida de indivíduos:

A partir do século XVIII, a medicina administra toda a existência humana a partir de uma posição normativa, que busca reger as relações físicas e morais do indivíduo e da sociedade (Foucault 2008). Nesse contexto, o saber médico patologizou a gordura (Le Besco 2004) da mesma forma que o fez com outras variações genéricas do corpo ou do sexo, fechando a admissão da diversidade como possível matriz de inteligibilidade dos corpos. Encarar a gordura como um problema médico - ou seja, como “obesidade” - é a forma dominante de abordá-la, mas não é o único quadro de problematização possível (Saguy 2013). Talvez porque a própria definição de saúde —ou do que constitui um corpo são—

não seja unívoca, o atual dispositivo de corporalidade (Costa e Rodríguez 2010) e o discurso anti-obesidade sustentam afirmações heterogêneas sobre o corpo gordo, afirmações que podem ser até contraditórias. um para o outro. É um corpo culpado, defeituoso e abjeto (Murray 2008), doente e deformado (Braziel 2001). O corpo adiposo está destinado à aniquilação e funciona como um lembrete de que todos os corpos estão sob risco de fracasso. (tradução nossa)

Assim, o presente estudo tem como objetivo entender como a gordofobia ou a violência associada ao corpo gordo na contemporaneidade é abordada por estudos qualitativos. A motivação em realizá-lo nasceu dos primeiros resultados de uma pesquisa interinstitucional cujo objetivo é medir os níveis de violência experienciados pela população universitária. Para tanto, foi utilizado um instrumento de coleta de dados junto a referida população, contendo um total 216 questões, através das quais tanto informações de perfil dos respondentes foram coletadas, quanto os seguintes tipos de violência foram abordados: racismo,

gordofobia, machismo, transfobia, homofobia, lesbofobia, bifobia, intolerância religiosa e bullying. Cada uma das expressões da violência contém perguntas referentes à perspectiva de quem sofreu, de quem cometeu e de quem presenciou algum ato de violência em algum momento na trajetória universitária. A aplicação do questionário aconteceu no período de agosto a dezembro de 2019. Após a sua conclusão, foram geradas análises estatísticas das variáveis estudadas.

Os primeiros resultados da pesquisa geraram três rankings das formas de violência, organizados segundo quem sofreu, quem praticou e quem presenciou. Os resultados mostram que a expressão da gordofobia assume nuances bem particulares entre aqueles que a sofreram, a cometeram e a observaram. Entre os primeiros, ela aparece como sendo uma das formas menos frequentes entre as vítimas, ficando em penúltimo lugar com 8,5%. Já entre quem cometeu, ela sobe de patamar e alcança a primeira posição, com 14,9%, sendo, portanto, a violência que mais foi praticada entre aqueles que admitiram ter sido violentos no ano de 2019. Esse resultado é próximo dos achados relativos a quem a presenciou, fazendo com que ela ocupe a segunda

posição no ranking com 42%, atrás somente do machismo com 59,4%. A mudança da gordofobia entre as posições no ranking permite levantar como hipótese a influência dos discursos biomédicos no modo como são assimilados e como reverberam nas atitudes violentas direcionadas a pessoas gordas. Ou seja, uma vez que um discurso oficial coloca o corpo gordo como um símbolo a ser combatido, admitir ter cometido ou presenciado alguma violência desse gênero tem um peso menor em relação às demais formas de violência.

Diante disso, interessamo-nos em entender como os estudos qualitativos abordam a temática da gordofobia ou da violência associada ao corpo gordo de maneira a melhor apreender o fenômeno em si. A revisão bibliográfica foi então escolhida a fim de conferir a reflexão um panorama das produções científicas em ciências humanas e sociais sobre o tema e apontar para algumas pistas que poderão, futuramente, ser exploradas no universo dos estudantes universitários.

Metodologia

O estudo desenvolveu-se a partir de uma revisão bibliográfica delimitada em artigos científicos, sem especificação do

período de publicação. A exclusão de teses, dissertações, livros ou capítulos de livro deve-se ao acesso mais facilitado que os artigos permitem (Lopes e Gomes, 2020). A busca foi efetuada nas seguintes bases de dados: Scielo, PubMed, Lilacs, PepSic utilizando os descritores "Gordofobia"/ "Fatphobia" e as combinações de "Obesidade and violência" / *Obesityandviolence*; "Obesidade andbullying" / *Obesityandbullying*; "Obesidade and estigma" / *Obesityandstigma*; "Sobrepeso and estigma" / *Overweightandstigma*; "Sobrepeso andbullying" / *Overweightandbullying*. As combinações mostraram-se necessárias tendo em vista que o termo "gordofobia" é mais recente no campo das pesquisas em ciências humanas e sociais e muitas das pesquisas que estudaram formas violência relacionadas à obesidade ou ao sobrepeso não o empregaram.

As buscas foram realizadas entre os meses de dezembro de 2020 a janeiro de 2021 e chegou-se a um conjunto de 73 artigos selecionados segundo as palavras-chave. Após leitura do título e do resumo, foram excluídas quatro referências por tratarem-se de resumos de livro, resenhas e diretrizes sobre a temática, chegando a um total de 69 artigos. Como a pesquisa deu

enfoque aos estudos qualitativos, uma segunda seleção levou ao conjunto de 14 artigos, considerando a metodologia empregada nos mesmos. Todos aqueles que adotaram uma metodologia quantitativa ou mista (estudos quali-quantitativa) foram excluídos, assim como aqueles que realizaram revisões bibliográficas. Após leitura completa dos artigos selecionados, excluiu-se mais um devido a inconsistências na apresentação do método, carecendo ao mesmo uma fundamentação epistemológica e metodológica.

A análise do acervo foi realizada em duas etapas. A primeira dedicada a caracterizá-los quanto ao ano de publicação, país, sujeitos, período de realização da investigação e abordagem metodológica. A segunda etapa focou-se nas contribuições que as abordagens qualitativas adotadas nos estudos ofertam à compreensão do fenômeno da gordofobia ou da violência associada à obesidade ou ao sobrepeso. Para a realização dessa segunda etapa, foi realizada uma análise temática inspirada nos estudos de Moreira, Gomes e Sá (2014) e de Lopes et Gomes (2020). O corpus do estudo foi então organizado em grandes temas que emergiram da caracterização dos estudos e que, em seguida, se declinaram em núcleos

de sentido segundo o conjunto dos resultados.

Na próxima seção, uma caracterização da produção será apresentada em primeiro plano a fim de colocar em relevo os primeiros aspectos que emergiram e, em seguida, serão apresentadas sob a forma gráfica a análise temática realizada.

Resultados

Caracterização dos Estudos

A partir do quadro 1, pode-se observar que, com exceção do primeiro estudo que realizou uma análise documental e lexical de gêneros textuais publicados pelo jornal Folha de São Paulo, os demais estudos tiveram como sujeitos participantes desde crianças a adultos. Entretanto, entre os adultos a realização de estudos com mulheres ou a inclusão das mesmas foi sensivelmente maior do que com homens. Com relação a presença de algumas categorias profissionais, é importante salientar que no caso das professoras, elas foram as entrevistadas para falar de suas percepções quanto a vivência de preconceito e discriminação dos seus alunos e não de si mesmas. Já no caso das nutricionistas, o interesse dos estudos foi direcionado para a articulação

entre obesidade, trabalho e estigma. Observa-se também que nenhum estudo foi encontrado antes do ano de 2009, havendo maior presença de estudos datados após os anos 2010, afirmando ser a gordofobia e a violência associada ao corpo gordo temáticas contemporâneas e de crescente interesse acadêmico.

Considerando o número de estudos excluídos devido às suas abordagens quantitativas ou mistas (quanti-quali) e a

elevada presença de estudos brasileiros publicados em revistas do campo da Saúde Coletiva ou de campos da saúde abertos a perspectiva interdisciplinar, pode-se supor que a presença das ciências humanas e saúde como uma área da Saúde Coletiva (Luz, 2009) influencia a abordagem do tema para além de um enfoque biomédico, fazendo com que os pesquisadores se interessem pela temática a partir de um olhar social e interdisciplinar.

Quadro 1 – Caracterização dos artigos analisados

Estudo	Ano	País/Origem	Sujeitos	Tema
Araújo L.S; Coutinho M. P. L.; Araújo-Morais L.C.; Simeão S. S. S.; Macie S. C.	2018	Brasil	Mídia e gêneros textuais	Obesidade e preconceito
Bolzan D.; Roesse G.; Bolzan D.; Sidegum J.	2017	Brasil	Adolescentes obesos	Obesidade e bullying
Costa M. A. P.; Souza M. A.; Oliveira V. M.	2012	Brasil	Professoras	Obesidade infantil e bullying
Mattos R. S.; Luz M. T.	2009	Brasil	Adultos obesos, homens e mulheres	Obesidade, práticas corporais e estigma
Araújo K. L.; Pena P. G.; Freitas M. C.	2015	Brasil	Nutricionistas obesas	Obesidade, estigma e trabalho
Palmeira C. S.; Santos L. S.; Silva S. M. B.; Mussi F. C.	2020	Brasil	Mulheres com excesso de peso	Obesidade e discriminação
Peregalli-Politi S.	2018	Suíça	Adulto obeso	Obesidade, estigma e ética
Yufe S. J.; Taube-Schiff M.; Fergus K. D.;	2017	Canadá	Jovens adultos, homens e mulheres	Cirurgia bariátrica e estigma

Sockalingam S.				
Menezes C. F. J.; Ferreira R. L. P.; Melo R. S.	2020	Brasil	Mulheres de 18 a 46 anos obesas ou com excesso de peso	Gordofobia
Miziara A. M. B.; Vectore C.	2014	Brasil	Crianças obesas	Obesidade bullying e estresse
Araújo K. L.; Pena P. G. L.; Freitas M. C. S.; Diez-Garcia R. W.	2015	Brasil	Nutricionistas obesas	Obesidade, estigma e trabalho
Srovera M. A. E.; Gonzales, E. A.; Grancelli F. B.; Paredes M. H.	2017	Chile	Adultos jovens, homens e mulheres	Obesidade e estigma
Pinto M. S.; Bosi M. L. M.	2010	Brasil	Mulheres obesas	Obesidade e estigma

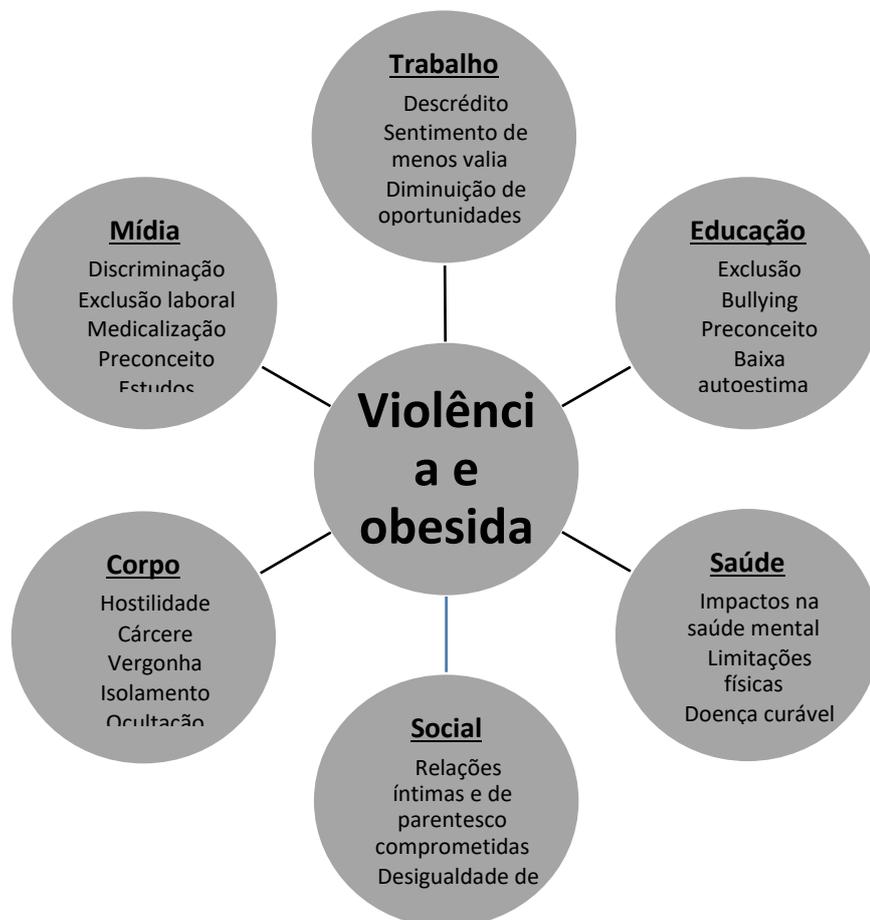
As bases epistemológicas que sustentaram as metodologias foram: fenomenologia em quatro estudos, GroundedTheory em dois, hermenêutica em um, representações sociais em um, socioantropológico em um e três denominaram-se apenas qualitativos, sendo dois exploratórios e um descritivo. Já em relação aos métodos utilizados, tem-se entrevistas semiestruturadas na maior parte dos casos, grupos de discussão, estudo de caso e observação participante. Já os métodos de análise situam-se entre a

análise temática, análise descritiva, análise de conteúdo e análise lexical.

Temas e Seus Sentidos: O Que os Estudos nos Mostram?

A figura 1 apresenta os cinco temas identificados e seus respectivos núcleos de sentido. O texto que se segue apresenta as temáticas e discute os núcleos de sentido, colocando em relevo as contribuições que os estudos trazem para a compreensão da relação entre obesidade e violência.

Figura 1 – Temas e seus núcleos de sentido



O tema Trabalho reagrupa estudos que abordam os impactos da manifestação no contexto laboral da violência associada ao corpo gordo. Os sujeitos que mais vivenciaram os núcleos de sentido correlacionados foram mulheres e, sobretudo, nutricionistas. Para essas últimas, estudadas especialmente por pesquisadores (Araújo et. al., 2009; Araújo, Pena & Freitas, 2015) que se ampararam do conceito de estigma de Goffman (1988), para discutir seus achados. Emergem como elementos

Rev. Polis e Psique, 2021; 11(3): 170

centrais da vivência da obesidade enquanto nutricionista a associação da aparência física como símbolo de incompetência na profissão (Araújo et. al., 2009), o que desencadeia exclusão no trabalho e diminuição de oportunidades (Araújo, Pena & Freitas, 2015). A violência vem a ser, portanto, um produto do julgamento do indivíduo focado nos aspectos físicos e clínicos em detrimento da formação e experiência profissional. A associação do corpo à obesidade sobrepõe-se ao arsenal de competências intelectuais e

experienciais, restringindo ou mesmo excluindo dessas profissionais oportunidades de trabalho para a continuidade de suas carreiras. Tal como apontado por Araújo et. al. (2015), as dificuldades e os desafios que essas profissionais enfrentam se tornam paulatinamente visíveis no curso das suas trajetórias profissionais: a depender de onde vão trabalhar, no público ou no privado, certos julgamentos ficam mais ou menos visíveis. Os desafios continuam na exploração do mundo do trabalho quando o preconceito se reveste de barreiras que impõem limites à atuação dessas profissionais e as excluem de certos espaços em função do corpo gordo.

No interior da temática encontram-se também a vivência de mulheres gordas, avaliadas como obesas, (Palmeira et. al., 2020) que relatam ter sofrido situações de desigualdade de oportunidades por não corresponderem ao padrão estético esperado. A discriminação foi observada em diversos momentos, desde a entrevista de seleção até a permanência no emprego, onde viveram situações de violência manifestas de formas diversas: insulto, exclusão, injustiça, preconceito. Como consequências deletérias secundárias das experiências de violência, muitas desistem de suas inserções no mercado de trabalho

(Palmeira et. al., 2020). Nessa senda Jimenez (2020, p. 147) comenta que:

Esse ódio e pavor é denominado de gordofobia. É uma discriminação que leva à exclusão social e, conseqüentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea. O prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensa e restrição dos corpos gordos de modo geral.

O tema Educação emergiu dos estudos que deram enfoque à violência sofrida por crianças e adolescentes gordos em contextos de formação, sobretudo em escolas. No que diz respeito às crianças gordas, as autoras (Miziara&Vectore, 2014) identificaram a vivência da violência sob a forma através de apelidos, de provocações e xingamentos. Em contextos mais específicos da escola, como as aulas de Educação Física, foram relatadas experiências de rejeição e exclusão e até mesmo no seio da família, junto a irmãos e na forma como certos pais dirigem-se a elas. Esse conjunto de experiências

negativas faz com que as crianças vivenciem sentimentos de tristeza, raiva, medo e mágoa, além de estabelecerem uma relação ambígua com o próprio corpo, o que será abordado posteriormente na temática Corpo.

Já entre os adolescentes, os resultados do estudo de Berlese et. al. (2017) mostram certas correspondências e divergências com as experiências vividas pelas crianças. No que diz respeito às correspondências, tem-se a violência perpetrada no contexto escolar, seja indo ou vindo da escola, seja dentro da mesma em seus diferentes espaços, mostrou-se presente na vida desses jovens e vivido com elevada frequência no cotidiano sob a forma de agressões verbais. A exclusão nas atividades físicas e o evitamento das mesmas mostrou-se também presente entre os adolescentes, assim como as provocações dentro de casa, em família. Esse conjunto de experiências de violência desencadeia sofrimento, constrangimento e a vivência do estigma pela exclusão engendrada. Contudo, as divergências encontradas no paralelo entre os estudos situam-se na comparação que os adolescentes fizeram entre o que viveram na infância e o que vivem na adolescência. Para esse grupo de entrevistados, houve uma progressão positiva em suas vivências

de violências relacionadas ao corpo, o que faz com que eles avaliem que no momento presente o enfrentamento da exclusão e das agressões verbais é menos presente (Berlese et. al., 2017).

Para Costa, Souza e Oliveira (2012), o olhar para a violência associada ao corpo gordo da criança segundo o ponto de vista de professores revela aspectos que vão ao encontro dos achados dos dois estudos precedentes, como a exclusão, o preconceito e os problemas relacionados à prática de atividades físicas. Os professores relacionaram também que os alunos sofrem com problemas de adequação ao mobiliário e ao vestuário. Quanto ao aprendizado, os professores relataram perceber uma maior ocorrência de dificuldades nos alunos gordos em comparação com os demais. O estudo traz à luz avaliações negativas que os professores fazem em relação a estes alunos, como sendo apáticos, desanimados, cansados, lentos, distraídos, preguiçosos, indispostos, etc. Para os autores esses dados revelam que o professor pode tanto estar na posição de espectador, quanto de produtor em função do olhar que lança sobre os mesmos (Costa, Souza & Oliveira, 2012). Assim, no tema Educação, crianças e adolescentes gordos são atravessados pela vivência do bullying,

o que traz consigo uma forte carga de sofrimento físico, psíquico e social, apontando para a escola como espaço de produção e reprodução da violência. Outros estudos, de ordem quantitativa, também identificaram uma prevalência de bullying e exclusão entre adolescentes gordos em escolas do ensino médio, sempre associadas com perspectivas sociais e de saúde negativas (Puhl, Luedicke&Heuer, 2011; de laHaye, et. al. 2017).

Já a temática da Saúde reúne um conjunto de estudos com homens, mulheres e jovens gordos, a sua maioria acompanhados por programas ou serviços de saúde, com vistas a promover um cuidado médico. Um primeiro aspecto a ser destacado refere-se a maior presença de participantes mulheres do que homens. Se considerarmos o peso do discurso biomédico que recai sobre as mulheres e a cobrança sentida pelas mesmas na busca por um enquadramento dos seus corpos no padrão de magreza aceito socialmente (Jimenez, 2020), pode-se compreender a disparidade observada entre os sexos.

Dito isso, pode-se observar na figura 1 que a temática reúne núcleos de sentido que engendram um processo entre sentir os impactos do ser gordo sob a saúde física e mental e a busca por uma solução

de algo patologizado: um tratamento, uma cura. Um aspecto central que se destaca do conjunto de estudos é a vivência do estigma devido ao corpo gordo, causando prejuízos sociais e psíquicos (Araújo et. al., 2009; Mattos & Luz, 2009; Pinto & Bosi, 2010; Yufe et. al., 2016; Peregalli-Politi, 2018; Palmeira et. al.; 2020). Esta vivência leva os participantes a submeterem-se a procedimentos cirúrgicos, tal como estudado por Yufe et. al. (2016) junto de adolescentes que tomaram a decisão de submeterem-se a uma cirurgia bariátrica tendo em vista o comprometimento que a condição de obesos provocava em suas vidas: na forma como são vistos, nos espaços que ocupam e nas relações íntimas que estabelecem.

A procura por serviços de saúde para um acompanhamento e tratamento da condição de obesidade foi também motivada pelos impactos do preconceito, ainda que no estudo de Pinto e Bosi (2010), as mulheres tenham relatado não se verem sob a classificação de obesas, mas como gordas. Entretanto, a percepção das mesmas evoluiu e tomou contornos diferentes quando os resultados de exames indicaram desequilíbrios clínicos importantes. Esses resultados explicam, do ponto de vista médico, limitações físicas percebidas pelas participantes na

realização de atividades cotidianas (Pinto & Bosi, 2010). Por outro lado, apontam para a força dos parâmetros biomédicos como balizadores da forma de conceber o próprio corpo: de gordo à obeso, ou seja, que evolui para uma forma de adoecimento.

Como formas de combate e de resistência a essas situações, pode-se encontrar um ponto de interseção entre os estudos de Pinto e Bosi (2010) e de Araújo et. al. (2009). Apesar do primeiro focar em mulheres usuárias de um serviço de saúde e do segundo em nutricionistas, ambos apontaram para um conjunto de estratégias empreendidas que vão desde a introdução de medicamentos para emagrecer prescritos por médicos e colegas de profissão, no caso das nutricionistas, passando por tratamentos multiprofissionais e chegando até a tentativa de seguir dietas e produtos “da moda” veiculados pela mídia. Tais resultados mostram que a violência sentida no curso de suas trajetórias pode engendrar formas secundárias de violência perpetradas pelo próprio indivíduo na busca pela adequação do seu corpo e aceitação social. Wolf (2018, p. 28) corrobora:

Os direitos reprodutivos deram à mulher ocidental o domínio sobre o próprio corpo. Paralelamente, o peso das modelos despencou para 23% abaixo do peso das mulheres normais, a incidência de transtornos alimentares aumentou exponencialmente e foi promovida uma neurose em massa, que recorreu aos alimentos para privar as mulheres daquela sensação de controle sobre o próprio corpo. As mulheres insistiram em dar um caráter político à saúde. Novas tecnologias de cirurgias “estéticas” invasivas e potencialmente fatais foram desenvolvidas com o objetivo de voltar a exercer sobre as mulheres antigas formas de controle médico.

É neste ponto que as reflexões de Peregalli-Politi (2018) sobre os dilemas éticos quanto às formas de tratamento da condição de obesidade devem considerar a questão em sua complexidade, o que demanda um olhar interdisciplinar. Para o autor o sucesso do acompanhamento e do tratamento da pessoa com obesidade deve ir além da redução do peso como meta final e ser trabalhado como um processo contínuo que articule saúde física e mental.

Complementando, o estudo de Mattos e Luz (2009) apontam para os benefícios de participar de um programa de acompanhamento e tratamento no que tange a criação e laços de pertencimento devido a partilha de situações difíceis com os demais usuários(as), como o estigma devido a obesidade, o que pode repercutir positivamente na saúde física e mental dos(as) mesmos(as). Tal como salienta Jimenez (2020, p. 160):

"É necessário e inadiável que existam representantes políticos que se preocupem em criar centros de referência para pessoas gordas, nos quais exista a oferta de atendimento médico especializado, advogados, terapeutas, psicólogos, nutricionistas, assessorias para busca de emprego, cursos de formação etc., com políticas que reconstruam essas vidas e demonstrem à sociedade que os espaços também serão ocupados por pessoas gordas, e isso é constitucional".

A temática Social emergiu da reflexão que certos estudos trazem acerca dos impactos na inclusão das pessoas gordas na vida em sociedade e sobretudo

para problematizar "*as omissões das dimensões sociais da gordura e a responsabilização individual*" (Sprovera et. al., 2017, p. 8). Considerando o tratamento da condição de obesidade como um problema de saúde pública revestido de um discurso médico em grande parte centrado em determinantes do comportamento individual, a invisibilidade dada à pessoa gorda no plano social escamoteia os processos da sua produção e reprodução.

O estudo de Palmeira et. al. (2020) traz à luz os impactos nas relações íntimas e de parentesco de mulheres que se abalam devido ao olhar que se lança para a obesidade. O retraimento dessas mulheres, o sentimento de marginalização, o desejo de ocultar o estigma levou essas mulheres a diminuir suas interações sociais e a se sentirem apartadas da sociedade. Vivências de discriminação em transportes públicos também foram relatadas, assim como em lojas de roupas, evidenciando a marginalização sofrida pela pessoa obesa. Ambas apontam para um isolamento social que é tanto produto, quanto produtor de violência contra a pessoa gorda. Arruda e Miklos (2020, p. 115) também cometam esse aspecto:

...a pessoa gorda não passa na catraca do ônibus, não cabe na poltrona do cinema e não encontra, com a facilidade de simplesmente ir ao shopping, uma básica calça jeans para comprar. Ela é insultada por sua forma física publicamente e, constantemente, é alvo de piadas. Com o pretexto de “só fazer uma brincadeira”, a sociedade mediatizada leva quem sofre com a gordofobia a se suprimir e se anular, já que essa pessoa, mesmo que queira, de maneira geral, não veste roupas chamativas, com estampas ou com cores, têm dificuldades para sair de casa e sérios problemas em se relacionar consigo mesma e com os outros.

Já o estudo de Sprovera et. al. (2017), realizado com jovens de Santiago, capital do Chile, revela as múltiplas dimensões da gordura e enquanto gradiente de valor, os participantes evocaram a distinção entre pessoas gordas “aceitáveis” e “inaceitáveis”. As primeiras caracterizam-se pela percepção de existir uma reversibilidade da gordura corporal e pela vergonha manifesta em suas atitudes. Já as segundas são assim vistas devido ao agravamento da obesidade, ao corpo

considerado deformado segundo os padrões e à exposição do mesmo em situações sociais como, por exemplo, na praia. No mais, o estudo aponta para uma dicotomia entre pessoas magras e gordas segundo classe social. A associação entre pessoas ricas e magras e pessoas pobres e gordas aponta para a sobreposição de preconceitos e estigmas, uma interseção importante de marcadores, tornando ainda mais dolorosa, complexa e marginal a experiência de vida da pessoa gorda.

Contrapondo-se aos aspectos salientados pelo social, a temática Corpo coloca em relevo a relação entre as pessoas gordas e seus corpos e revelam os efeitos deletérios de ser alvo constante de preconceitos, discriminação e estigmatização. Retomando a investigação de Miziara e Vectore (2017), foi possível observar em algumas crianças estudadas o sentimento frequente de não aceitação do próprio corpo, manifesto por um descontentamento frente a sua condição física. Esse mesmo descontentamento foi observado junto às mulheres estudadas por Pinto e Bosi (2010), sobretudo no que se refere ao uso do corpo para o trabalho e para o sustento da família. O que torna esses achados ainda mais alarmantes é a culpabilização do indivíduo e da sua relação com o seu corpo, que passa a ser

visto como uma barreira para uma vida plena. O discurso patologizante que sustenta a culpabilização e que marginaliza a pessoa gorda não é considerado e nem criticado com vistas a construir novas narrativas acerca do corpo gordo na sociedade contemporânea.

Como consequência, a não aceitação de si repercute e provoca isolamento, vergonha e desencadeia um processo de cobrança e vigília do próprio corpo, revelando a introjeção do estigma incutido socialmente (Palmeira et. al, 2017). O corpo passa a ser visto como uma prisão, um cárcere que encerra a vida da pessoa em uma condição indesejada e que faz emergir um sentimento de culpa por um "erro" cometido, tal como apontado por Araújo, Pena e Freitas (2015) no estudo junto a nutricionistas. A violência é, portanto, praticada pela própria pessoa na reprodução através do seu olhar dos padrões aceitos socialmente e como reflexo das violências sofridas através das suas relações interpessoais. Ou seja, a violência toma contornos intrapessoais e se incrusta na forma como a pessoa se relaciona subjetivamente com o próprio corpo.

O estudo de Menezes, Ferreira e Mélo (2020) que inclui no seu título parte de uma fala de um homem que se referiu a

uma mulher gorda – “Imagina ela nua!” – revela a construção de identidade das mulheres gordas estudadas e por um conjunto de “sentenças” proferidas por familiares e pessoas próximas, tal como dificuldade de relacionar-se afetivo sexualmente. A responsabilização pela própria condição física engendra culpa frente a um corpo não dócil às intervenções e expectativas sociais e pessoais. O corpo, alvo de controle pessoal e interpessoal passa por comparações, por julgamento e por exclusões. A evocação no campo da moda da categoria “*plussize*”, alçando o corpo em uma categoria vendável e, portanto, mais aceita, não minimiza, segundo as entrevistadas, os efeitos deletérios de uma violência introjetada.

Assim, chega-se a última temática Mídia que foi criada especialmente para abarcar o estudo de Araújo et. al. (2018) por dois motivos. O primeiro diz respeito à natureza do estudo: qualitativo, documental, realizado com gêneros textuais publicados no jornal Folha de São Paulo e que se distingue dos demais estudos. O segundo, e mais importante, refere-se a reunião nos seus resultados de aspectos abordados nas temáticas anteriores e presentes direta ou indiretamente nos núcleos de sentido de

cada uma. A definição pelos autores de sete classes - discriminação e gordura; exclusão no contexto laboral; resultados de pesquisa; medicalização da obesidade; preconceito: diferenças de gênero e fatores econômicos; preconceito aberto; políticas de inclusão – que caracterizam as representações sociais encontradas nas reportagens acerca do preconceito frente à obesidade servem para o presente estudo de revisão bibliográfica como uma síntese dos aspectos abordados nas outras cinco temáticas.

As análises apontam também para a veiculação de informações que reiteram, por um lado, o impacto do problema do ponto de vista social e pessoal e, por outro lado, o preconceito que emerge da reafirmação dos padrões esteticamente desejados e aceitos. Identificado nas reportagens, o enfoque dado à mulher associada ao apelo estético engendra uma busca por um enquadramento corporal e social (Araújo et. al., 2018). Além disso, observou-se a difusão da obesidade como doença com forte predomínio do discurso médico, seja através de pesquisas, seja na associação ao uso de medicamentos para tratamento. Considerando a mídia impressa um forte veículo de disseminação de informação, mostra-se interessante refletir sobre o peso do que se dissemina nesse

espaço de comunicação e sua influência sobre os sujeitos na sociedade, sejam eles professores, pais, adolescentes, homens e mulheres, obesos ou não. Arruda e Miklos (2020, p. 124) comentam a importante contribuição da mídia para a perpetuação de estereótipos e preconceitos relacionados ao corpo gordo:

É na mídia que os estereótipos das pessoas gordas são explorados ao extremo, reforçando e dando margem para novas formas de incidência desse preconceito. Ao entender a gordofobia como um preconceito que tem como alvo a imagem de um corpo – afinal, as ideias que se fazem acerca dos hábitos de vida e das práticas das pessoas gordas se dão apenas pelo olhar que identifica se a pessoa é ou não gorda –, percebe-se então sua íntima relação com os media, e em especial com a mídia visual e eletrônica. Nesses meios, a representação das pessoas gordas, especialmente das mulheres, é em suma maioria carregada de características negativas, com potencial reprodução desses padrões no contexto social.

Conclusão

A revisão bibliográfica realizada possibilitou conhecer as contribuições de estudos qualitativos para o entendimento da violência associada ao corpo gordo. Através da análise empreendida foi possível compreender, segundo os temas identificados e seus núcleos de sentido, como as pessoas gordas manifestam o sofrimento oriundo das diferentes formas de violência e como estas se dão, através de contextos diversos: de saúde, sociais, familiares, escolares e laborais.

Pode-se compreender que a violência associada a pessoas gordas recebe uma forte influência, por um lado, dos padrões estéticos hegemonicamente aceitos, e por outro lado, encontra no discurso médico e de saúde pública certos argumentos que acarretam em efeitos de culpabilização e marginalização das pessoas gordas. Entre crianças e jovens, o bullying foi fortemente identificado, marcando suas trajetórias de vida e engendrando uma relação intra e interpessoal atravessada por sentimentos de insegurança, raiva e medo. Entre adultos, homens e mulheres, a violência produz impactos nas esferas profissionais, familiares e sociais.

Dialogando com os resultados da pesquisa interinstitucional sobre a violência entre a população universitária, pode-se supor que o maior percentual de universitários que confirmou ter cometido gordofobia no ano de 2019 se explique pela tendência à culpabilização da vítima pela condição de obesidade, o que apontaria para a importância de usar o espaço universitário para debate, reflexão e questionamento de certos padrões corporais e estéticos. Enquanto limites da presente revisão dois aspectos destacam-se: a não inclusão de outras formas de publicação, como livros, teses e dissertações; os critérios metodológicos que excluíram estudos de revisão e estudos quantitativos.

Referências

- Araújo K. L., Pena P. G. & Freitas M. C. (2015) Sofrimento e preconceito: trajetórias percorridas por nutricionistas obesas em busca do emagrecimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(9), 2787-2796. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000902787&lng=en&nrm=is
- Araújo L.S, Coutinho M. P. L., Araújo-Morais L.C., Simeão S. S. S. &

- Macie S. C. (2018) Preconceito frente à obesidade: representações sociais veiculadas pela mídia impressa. *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(1), 69-85, 2018. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000100006&lng=pt&nrm=iso
- Araújo K. L., Pena P. G. L., Freitas M. C. S. & Diez-Garcia R. W. (2015) Estigma do nutricionista com obesidade no mundo do trabalho. *Rev. Nutr.* [online] 28(6), 569-579. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732015000600569&lng=pt&nrm=iso
- Arruda, A.S. (2019) O peso e a mídia, uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade. (Tese de doutorado). Universidade Paulista, São Paulo, São Paulo, Brasil. Recuperado de: http://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/tainacan-items/191/26774/com_agnessouzaarruda.pdf.
- Arruda, A.S., Miklos, J. (2020) O Peso E A Mídia: Estereótipos Da Gordofobia. *LÍBERO*, ANO XXIII- No 46 JUL./DEZ. p. 112-126.
- Berger, M. (2007) Mídia e espetáculo no culto ao corpo: o corpo miragem. *SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais*, 1(2), 121-160. Recuperado de: <https://periodicos.ufes.br/sinais/articloe/view/2849/2315>
- Bolzan D., Roese G., Bolzan D. & Sidegum J. (2017) Bullying e violência social: Vivência de adolescentes obesos. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. 15(1), 491-503. Recuperado de: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2017000100032&lng=en&nrm=iso
- Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos *Lei no. 11.721 de 23 de junho de 2008*. Institui o Dia Nacional de Prevenção da Obesidade. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11721.htm Acessado em 28/02/21
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. (2020) *Vigitel Brasil 2019: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuições sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito*

- Federal em 2019* [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças não Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde. 137 . : il. Recuperado de: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2019_vigilancia_fatores_risco.pdf ISBN 978-85-334-2765-5
- Braziel, J. E. (2001). “Sex and Fat Chics: Deterritorializing the Fat Female Body” en Braziel, J. E. y LeBesco, K. (eds.). *Bodies out of Bound. Fatness and Transgression*. Berkeley, Los Angeles y Londres, University of California Press.
- Contreras, L. (2020). *Contra La Patologización Intensiva En Términos De Derechos Humanos: Activismo Gordo En Argentina*. *Arxius*, NÚM. 42, JUNY 20, ISSN: 1137-7038, pp. 175-188.
- Costa, F. Y Rodriguez, P. (2017). *La salud inalcanzable*, Buenos Aires, Eudeba.
- Costa M. A. P., Souza M. A. & Oliveira V. M. (2012) Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores. *Revista Educação e Pesquisa*. 38(3), 653-665. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000300008&lng=en&nrm=iso
- De La Haye, K., Dijkstra, J. K., Lubbers, M. J., Van Rijsewijk, L., & Stolk, R. (2017). The dual role of friendship and antipathy relations in the marginalization of overweight children in their peer networks: The TRAILS Study. *PloSone*, 12(6), e0178130.
- FAO, OPS, WFP & UNICEF (2019). *Panorama de la seguridad alimentaria y nutricional en América Latina y el Caribe 2019*. Santiago. 135. Licencia: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Recuperado de: <http://www.fao.org/americas/publicaciones-audio-video/panorama/2019/es/>
- Foucault, M. (2008). *El nacimiento de la clínica*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- Goffman, E. (1988) *Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Jimenez, M.L.J. (2020) Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. *Epistemologias do Sul*, 4 (1), 144-161. Recuperado de: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643>
- Le Besco, K. (2004). *Revolting bodies? The struggle to redefine fat identity*. Amherst y Boston, University of Massachusetts Press.
- Lira A. G., Ganen, A. P., Lodi, A. S. & Alvarenga, M. S. (2017) Uso de

- redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *J Bras Psiquiatria*, 66, (3), 164-71. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000166>
- Lopes W. S. L. & Gomes, R. (2020) A participação dos conviventes com a doença falciforme na atenção à saúde: um estudo bibliográfico. *Ciência&Saúde Coletiva*, 25 (8), 3239-3250. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020258.30062018>
- Luz M.T. (2009) Complexidade do campo da saúde coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade de saberes e práticas – análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. *Saúde e Sociedade*, 18(2), 304-311. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000200013>
- Mattos R. S. & Luz M. T. (2009) Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(2), 489-507. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000200014&lng=en&nrm=iso
- Moreira, M. C. N., Gomes, R. & Calheiros De Sá, M. R. (2014) Doenças crônicas em crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. *Ciência&Saúde Coletiva*, 19(7), 2083-2094. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014197.20122013>
- Murray, S. (2008). *The fatfemalebody*. Nueva York, PalgraveMacmillan.
- Palmeira C. S., Santos L. S., Silva S. M. B. & Mussi F. C. (2020) Estigma percebido por mulheres com excesso de peso. *Revista Brasileira de Enfermagem* 73(supl. 4), e20190321. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7
- Menezes C. F. J., Ferreira R. L. P. & Melo R. S. (2020) “Imagina ela nua!”: Experiências de mulheres que se autodeclaram gordas. *Rev. Estud. Fem.* [online] 28, (2), e60118. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2020000200214&lng=pt&nrm=iso
- Miziara A. M. B.; & Vectore C. (2014) Excesso de peso em escolares: percepções e intercorrências na escola. *Psicol. Esc. Educ.* [online], 8(2), 283-291. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182746>.
- Peregalli-Politi S. (2018) Weight bias and weight stigma in the healthcare system: hypothetical case. *Revista de*

- Bioética y Derecho*. (44), 135-147. Recuperado de: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1886-58872018000300010&lng=es&nrm=iso
- Pinto M. S. & Bosi M. L. M. (2010) Muito mais do que pe(n)sam: percepções e experiências acerca da obesidade entre usuárias da rede pública de saúde de um município do Nordeste do Brasil. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 20(2), 443-457. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312010000200006>.
- Puhl, R. M., Luedicke, J., & Heuer, C. (2011). Weight-Based Victimization Toward Overweight Adolescents: Observations and Reactions of Peers. *Journal of School Health*, 81(11), 696–703. <https://doi:10.1111/j.1746-1561.2011.00646.x>
- Saguy, A. C. (2013). *What's wrong with fat?* Nueva York, Oxford University Press.
- Srovera M. A. E.; Gonzales, E. A.; Grancelli F. B. & Paredes M. H. (2017) Gordura, discriminación y clasismo: un estudio en jóvenes de Santiago de Chile. *Psicol. Soc.* [online], 29, e164178. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29164178>.
- Wolf, N. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- Yufe S. J., Taube-Schiff M., Fergus K. D. & Sockalingam S. (2017) Weight-based bullying and compromised peer relationships in young adult bariatric patients. *J Health Psychol*, 22(8), 1046-1055. Recuperado de: <https://doi.org/10.1177/1359105315622559>
-
- Camila Aloisio Alves** é professora doutora da Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP/UNIFASE). É também pesquisadora associada da Université Sorbonne Paris Nord.
E-mail: camila.aloisioalves@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3477-0367>
- Alexandre Anselmo Guilherme** é professor doutor no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) e no programa de Pós-Graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
E-mail: alexandre.guilherme@pucrs.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4578-1894>
- Lara Vedovatto Batista dos Santos** é psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É também pesquisadora voluntária no GruPEV Educação e Violência.
E-mail: laravedovatto@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8541-4648>

Submissão: 29/06/2021
1º avaliação: 27/07/2021

Aceite: 10/10/2021